

Conteúdos colaborativos e novas possibilidades do telejornalismo

Collaborative content and new possibilities in TV journalism

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

Pós doutora em Comunicação pela UFRJ e UFPE. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Brasil. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

Marli dos Santos

Professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, São Paulo, Brasil, email: msantos@casperlibero.edu.br

Resumo:

O artigo aborda o uso de conteúdos colaborativos durante a pandemia Covid-19, um contexto que obrigou o telejornalismo brasileiro a buscar estratégias de produção adaptadas às condições de menor mobilidade das equipes de reportagem. O objetivo é diagnosticar as mudanças exigidas pelos limites impostos ao jornalismo. Para a análise qualitativa foram escolhidos o *Jornal Globonews Edição das 18h* e *Globonews Em Pauta*, da Globonews, especificamente os conteúdos dos programas de março e junho de 2020. O resultado aponta a intensificação de estratégias já utilizadas no telejornalismo, como entrevistas à distância e uso de infográficos e ilustrações digitais para obliterar a ausência de imagens; e o favorecimento de jornalistas mais antigos e de maior prestígio, que passam a ter mais visibilidade, eventualmente adotando a condição de comentaristas e, conseqüentemente, opinando e analisando o contexto. A presença destes desdobramentos altera a dinâmica interna de produção do telejornal e a especificidade de seus conteúdos.

Palavras-chave:

Telejornalismo, Conteúdos colaborativos; Estratégias de produção; Globonews, Pandemia.

Abstract:

This paper takes into consideration the use of collaborative content during the Covid-19 pandemic, a context that forced the Brazilian TV journalism community to find production strategies, adapted to conditions of lower mobility of reporting teams. Its goal is to diagnose the changes that forced journalists through the limitations set during the pandemic. For a qualitative analysis, the news programs *Jornal Globonews Edição das 18h* and *Globonews em Pauta*, by Globonews channel, were chosen, specifically the contents of the march and june of 2020 programs. The result points to the intensification of strategies already used by news programs, such as long-distance interviews and the use of infographics and digital illustrations to obliterate the absence of images, and favoring of older and most prestigious journalists, who become more visible, eventually settling into the role of commentators, and consequently giving

their opinion analyzing the context. The presence of these developments changes the internal dynamic of newscast production and the specificity of its contents.

Keywords:

TV journalism; Collaborative content; Production strategies; Globonews; Pandemic.

1 Introdução

A crise sanitária que atingiu o Brasil em 2020 ampliou o número de pessoas com mais tempo no espaço doméstico. De modo geral, o isolamento social foi benéfico para o mercado de notícias no Brasil durante a pandemia da Covid-19. “O jornalismo cresceu 26% na semana de 16 a 20 de março em comparação com a primeira semana de março” (MEIO&MENSAGEM, 2020). Os bons índices se repetiram em todo o país e em vários horários da programação, com destaque ao horário nobre, das 18h às 24h, que cresceu 105% na audiência (STYCER, 2020).

No entanto, as restrições ao contato interpessoal também forçaram o telejornalismo a buscar estratégias para que permitissem a inclusão de repórteres que, sem necessariamente estar em ambientes externos, trouxessem informações, além de jornalistas especializados, comentaristas e entrevistados participando ativamente de suas casas. Estudos como os de Belém *et al.* (2020) e Mesquita e Vizeu (2020) apontam o amplo crescimento dos conteúdos participativos e colaborativos, inclusive, mencionam que a diretora de jornalismo da Globo Nordeste revelou que durante a pandemia as imagens colaborativas foram uma das “principais mudanças técnicas e de conteúdo na cobertura noticiosa com a pandemia” (MESQUITA; VIZEU, 2020, p. 18). Cambricoli (2020) também confirma o aumento destes conteúdos, em função dos prejuízos nas produções externas.

Dessa forma, questiona-se como esse cenário afetou o telejornalismo veiculado pela emissora codificada Globonews, que oferece 24 horas de informação. A Globonews foi escolhida porque em junho de 2020 chegou ao melhor índice de sua história, crescimento de 58% comparando com o mesmo mês em 2019. Investiga-se especificamente o uso ampliado dos conteúdos colaborativos afetaram a linguagem televisual e se adaptaram às condições de produção.

Sobre os conteúdos colaborativos, há indefinições quanto ao termo mais adequado para definir tipos de participação ou colaboração do público. Alguns autores não diferenciam colaborativo de participativo, é o caso de Primo e Träsel (2006). As indefinições são reforçadas em outras denominações que foram utilizadas mesmo antes da internet, como jornalismo cívico, comunitário, cidadão (AGUIAR&BARSOTTI, 2014). Neste artigo apresenta-se (mais à frente) uma contribuição sobre a noção de conteúdos colaborativos, como aqueles que são provocados pela própria empresa jornalística.

Para este artigo foram selecionados dois programas com maior audiência da Globonews: *Jornal Globonews Edição das 18h* e *Em Pauta*, às 20h. No primeiro predominam conteúdos informativos, com propostas de pautas mais factuais, típico de telejornais com conteúdos mais próximos ao formato clássico (representado pelo telejornalismo de canal aberto); o segundo valoriza conteúdos opinativos, com comentários diversos, debates e entrevistas. Os programas integram a faixa nobre do telejornalismo segmentado e representam as melhores audiências da emissora. As análises corresponderam a dois períodos: de 23 a 27 de março (segunda semana da quarentena) e de 6 a 12 de junho de 2020 (período do aumento no número de mortes).

O estudo foi realizado em duas etapas. A primeira objetivou comparar as alterações sofridas entre março e junho e contemplou uma pesquisa documental, com a coleta dos dados da grade de programação da emissora em março (antes de a Organização Mundial da Saúde – OMS oficializar a pandemia da Covid-19), e em junho (durante o crescimento da primeira onda da pandemia no Brasil), tendo como fonte de pesquisa o portal G1, do Grupo O Globo. Na segunda etapa foram observados os dois telejornais nos períodos indicados, sendo utilizada como técnica de coleta, sistematização e análise com base na Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2011), entendendo que o autor supera a perspectiva quantitativa e avança no sentido de compreender e contextualizar os processos comunicacionais. Consequentemente, busca-se desvendar a relação entre conteúdo e finalidade, de forma a obter inferências sobre objetivos e intenções destas mensagens.

Parte-se da reflexão de Otto Groth (2011), para quem o Jornalismo seria como uma ciência do espírito, e deve ser compreendida distintamente das ciências naturais

ou físicas, analisando percepções, imagens e sensações e sobretudo *compreendendo* os processos interiores a partir de sua manifestação exterior (externalidades).

Para Groth (2011), compreender o jornalismo envolve estudos empíricos nos quais aspectos técnicos permitam entender/desvendar a finalidade (*telos*) do material jornalístico. Desta forma, o estudo inclui uma análise empírica do material, mas pretende ir além de sua observação imediata, buscando identificar as relações entre informações e elementos da produção do material jornalístico, e especificamente como isso se manifesta no telejornalismo da Globonews durante o primeiro ano da pandemia.

Entende-se que as narrativas televisuais são “o resultado de um processo de entrelaçamentos de múltiplas linguagens e gêneros midiáticos [...] que remetem ao exercício das artes de fazer produzido pelo público” (BARBOSA, 2007, p. 16). Este *fazer* está sujeito às condições de produção e aos interesses imediatos e latentes de seus produtores. Neste contexto, recorreremos a Stam (1985) para entender os elementos cinéticos que compõem o telejornalismo: os noticiaristas e os cenários nos quais se inserem, os repórteres e suas locações, os entrevistados e seus enquadramentos, entendendo que o comportamento destes profissionais é delimitado pelas condições técnicas e sociais do momento de sua produção.

2 Limites que geraram inovações: uma primeira análise

Uma das características da televisão é se adaptar a novos recursos tecnológicos. Os canais de assinatura de jornalismo, justamente pelo acesso restrito ao público assinante, eventualmente servem como espaço experimental que se abrem para as tecnologias digitais (computadores com internet) e/ou de alta portabilidade (telefones celulares com câmeras) e para a inserção dos conteúdos participativos e colaborativos.

Em muitos aspectos, conteúdos colaborativos e participativos tendem a se confundir, mas é necessários diferenciá-los. Os conteúdos participativos têm sido objeto de estudo dos pesquisadores do telejornalismo há mais de uma década (FINGER, 2007; FRAZÃO, 2012; COSTA; TEMER, 2014), mas ganharam nova dimensão com a pandemia. O conteúdo participativo envolve material diverso: sugestões de pautas, denúncias, imagens capturadas pelos telefones móveis e câmaras de seguranças e outros materiais enviados espontaneamente. Inicialmente, sua

produção está fora do controle das emissoras, mas sua exibição é evidentemente filtrada/selecionada. Dessa forma, embora o conteúdo participativo envolva uma proposta de abrir espaço para a participação popular, deve ser entendido a partir da cumplicidade dos seus produtores com a pauta e linha editorial do veículo para o qual o material é enviado.

Já o conteúdo colaborativo parte de uma provocação dos produtores da informação e, portanto, corresponde a um material que pode ser utilizado em resposta direta às necessidades do telejornalismo. Diferente do conteúdo participativo, que envolve oportunidade e espontaneidade, o conteúdo colaborativo é produzido a partir do convite formal da emissora para convidados se inserirem nos telejornalísticos usando equipamentos próprios. Sobre estes conteúdos, acrescenta-se ainda que estes se tornam processos comunicativos mais complexos, porque são endereçados. Conteúdos participativos e colaborativos alteram as relações internas nas rotinas produtivas, mudando o acesso às fontes, aspectos relativos ao enquadramento, qualidade do som, imagem e ambiência, trazendo para as telas os espaços domésticos dos entrevistados e de alguns jornalistas.

Destaca-se que a busca por testemunhas/entrevistados que contem e comentem os fatos é uma estratégia recorrente no jornalismo. Sodré destaca (2001, p. 55) que "... a tevê se dirige ao público através do vídeo, simulando um contato direto e pessoal com essa 'função-indivíduo' que se supõe ser o telespectador".

Durante a pandemia, o uso do conteúdo colaborativo substituiu parcialmente essa dinâmica e passou a ser apresentado em um tripé no qual o noticiário/apresentador provocava o entrevistado/convidado a *falar* com telespectador, em um modelo que busca integrar o convidado na tela ao espaço cênico do noticiário, simulando uma conversa dialogada. De fato, mudanças na dinâmica do telejornalismo que permitem maior nível de interatividade exigem considerações sobre o telespectador. Optou-se pelo uso do termo por não haver consenso sobre uma denominação que represente esses conteúdos, mas também porque a televisão ainda se apoia em um modelo produtivo centrado no controle do emissor.

Ao contrário do conteúdo participativo, que passa por um processo de seleção/edição, no conteúdo colaborativo o controle da emissora envolve a escolha de temas e de entrevistados, mas perde-se o controle sobre a qualidade das imagens, já

que o *convidado* usa equipamento próprio, escolhe o local da transmissão e não tem conhecimentos técnicos sobre o enquadramento e as possibilidades dos equipamentos. Também há uma dificuldade maior em *cortar/editar* as falas, pois os entrevistados estão prioritariamente *ao vivo* e são convidados a manifestar opiniões e previsões, o que em alguns casos é contrabalançado ou reforçado com a inserção de apresentação de dados, ilustrações com análises estatísticas. O formato mescla dados com material opinativo e manifestações dos próprios noticiaristas, que atuam como âncoras.

3 Adaptando-se ao *novo normal*

As mudanças trazidas pela pandemia afetaram consideravelmente a grade de programação da Globonews. Na primeira semana de março, as mudanças estão inicialmente relacionadas com o afastamento de jornalistas do grupo de risco. No entanto, alguns profissionais do grupo de risco são mantidos como comentaristas (Fernando Gabeira, por exemplo), aumentando suas participações em diversos programas. Programas como o *Em Pauta* ganharam mais espaço, e sua ampliação de meia hora resultou em um aumento de 59% de audiência na faixa adicional (das 21h30 às 22h), na comparação com a média nos dois primeiros meses de 2020 (MEIO&MENSAGEM, 2020). O número de entradas *ao vivo* com tarjas “notícias urgentes” também aumentou, em geral com informações sobre a Covid-19.

Podemos observar que antes da pandemia havia maior (re)aproveitamento de programas da TV Globo (sinal aberto), como *Conversa com Bial* (*talk show*), *Profissão Repórter* (reportagem especial), *Globo Rural*, que deixaram de ser apresentados. Infere-se que estes conteúdos deixaram de ser produzidos e/ou passaram a ser reprisados na própria emissora de sinal aberto. Os programas mantidos em junho são *Fantástico*, *Globo Repórter* e *Pequenas Empresas, Grandes Negócios*.

Verificou-se que durante a primeira semana analisada (exceto aos sábados e domingos) havia em torno de 16 programas na grade da emissora. Em junho, eram 13 programas em média, de segunda a sexta, com quase nenhuma variação. Torna-se visível a ausência dos programas de entrevistas e a ampliação do horário dos programas informativos, particularmente no período da manhã e no final da noite.

Os opinativos *Estudio I* e *Em Pauta*, considerados mais leves, ganharam mais destaque na programação. No processo de racionalização da grade, mesmo quando em *home office*, os profissionais da emissora são realocados, possivelmente uma estratégia de substituição das reportagens externas.

Na segunda semana analisada cresce a prevalência do informativo centrado no factual, com pouco espaço para outros formatos, como grandes reportagens e opinativos, deixando claro a importância do reforço dos dados relativos à pandemia. As poucas reprises de programas estão em horários de baixa audiência.

4 Informativo x opinativo, ou informativo e opinativo?

Após uma análise da grade de programação da emissora, observou-se algumas mudanças no perfil dos jornalísticos oferecidos nesses dois períodos.

- ***GloboNews Edição das 18***

Na semana de março selecionada, o *Jornal da GloboNews Edição das 18* começa a apresentar mudanças na pauta e nos conteúdos ao vivo: comentários e análises deixaram o estúdio e passam a ser transmitidos da casa dos participantes. Os especialistas são entrevistados à distância, com a utilização de seus próprios equipamentos (computadores e internet), indicando um comportamento colaborativo.

Nessa semana, o jornalista César Tralli, que costumeiramente ancora o telejornal regional *SPI* (São Paulo), substitui a apresentadora Leilane Neubarth – que está no grupo de risco. Há mudança de estúdio, o telejornal passa a ser transmitido de São Paulo. A maior parte dos conteúdos coletados é produzida ao vivo, com a presença de repórteres em diferentes praças, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília; em alguns casos estão distantes dos ambientes externos tradicionais, como a rua. A pauta se concentra prioritariamente na crise política entre o Ministério da Saúde e a Presidência da República, tema que iria culminar com a demissão do ministro Luiz Henrique Mandetta, em 16 de abril de 2020.

As reportagens gravadas ainda possuem o formato tradicional (com passagem, *off* e sonoras), porém, as entrevistas passaram a acontecer com o entrevistado segurando o microfone, sem o enquadramento do repórter. Essa mudança no padrão

da reportagem factual tira do repórter o poder de cortar a fala do entrevistado, deixando de atuar como pré-editor da entrevista. Restritos às suas casas, alguns repórteres aparecem em cenários domésticos, em reportagens que contam com imagens gravadas sem a presença do profissional no espaço externo. Um exemplo é a reportagem “Com 25 mil casos de coronavírus, cidade de Nova York adota drones para evitar aglomerações”, edição de 27 de março de 2020, na qual a correspondente internacional faz o relato de sua casa, reforçando que naquele momento Nova York é a cidade com maior incidência de contaminação.

Nota-se que algumas imagens foram retiradas das redes sociais digitais, como no caso do vídeo postado pelo secretário estadual da saúde de São Paulo sobre sua contaminação pelo coronavírus. O material divulgado pelo *site* do Facebook (“David Uip, coordenador do Centro para Coronavírus de SP, testa positivo para a doença”) é exibido no *Jornal da Globonews Edição das 18h* do dia 23 de março de 2020. Outro caso semelhante é quando o Ministro da Economia anuncia a liberação de ajuda aos trabalhadores informais (“Em vídeo, Paulo Guedes explica medida que distribui R\$ 600 a informais”), edição de 27 de junho de 2020.

O formato entrevista, como a realizada pelo âncora César Tralli com a ativista pela causa animal Luisa Mell (“Luisa Mell relata luta para se recuperar do coronavírus”), edição de 27 de março de 2020, é o que melhor se enquadra como conteúdo colaborativo, pois evidencia o uso de equipamentos e internet dos entrevistados. Além dos convidados e especialistas, o uso de equipamentos em espaço doméstico abrange os profissionais afastados, como é o caso da âncora afastada Leilane Neubarth, que entrevista de sua casa um especialista em infectologia, também em sua residência, no dia 27 de março de 2020. A tela serve de moldura para os convidados, mas o novo cenário exige um enquadramento diferenciado – focado na tela ou dividida entre entrevistado e noticiário – afetando a espontaneidade e o gestual dos participantes.

Na segunda semana selecionada para análise, evidencia-se o padrão de divulgação de dados adotado pela emissora, que inclui a apresentação de números totais e índices de aceleração/desaceleração da doença. Infográficos e ilustrações são ordinariamente corroborados por entrevistas com especialistas na área de saúde.

Além da pandemia, dois temas são destaques: os protestos sobre a questão racial nos Estados Unidos e o acirramento das diferenças entre a postura do Governo Federal e a da emissora sobre as ações/reações para o enfrentamento da pandemia. O primeiro ponto foi um destaque na Globonews, que rendeu picos de audiência no mês de maio de 2020 e foi várias vezes retrabalhado e repercutido. Particularmente, depois das notícias sobre racismo (ou de reação ao racismo)¹ nos Estados Unidos, é significativo o maior destaque dado a profissionais negros, como Zileide Silva e Flávia Oliveira. Nesta cobertura específica chamam atenção as narrativas pessoais sobre as situações de racismo no Brasil e a presença de convidados negros que reforçam o destaque dado ao tema, induzindo a comparações entre a situação americana e a brasileira.

O segundo aspecto, as diferenças entre a postura do governo e as da emissora na compreensão da Covid-19, ganha forma em denúncias contra o Ministério da Saúde, inclusive na divulgação dos números sobre a pandemia, apontada como estratégia do governo para obliterar a importância do problema. A questão é apresentada em um boletim ao vivo com a vinheta “urgente”, mas reforçada nos programas estudados com críticas ao presidente, não raro apontando que o Poder Executivo não respeita (ou gosta) da imprensa.

O assunto é sutilmente associado às informações sobre andamento do inquérito sobre as *fake news*², bem como as ações referentes ao tema no legislativo. O material também vincula o Governo Federal ao uso das redes sociais e, por extensão, às *fake news* – literalmente citadas como informações não confiáveis.

Com menor destaque são mostradas as pressões dos comerciantes para a reabertura das lojas e a retomada das atividades em diferentes setores, em geral em matérias aparentemente informativas, mas que incluem considerações sobre a importância de ter cautela. As matérias com maior apoio no factual, em geral mais

¹ Situação na qual a emissora foi criticada por privilegiar comentaristas brancos.

² As denúncias sobre o uso de uma rede de informações falsas durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil motivaram a criação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) no Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e Senado Federal) para investigar o caso.

distantes do tema pandemia, destacam-se pelos conteúdos participativos, com apresentações de vídeos com denúncias.

- *Em Pauta*

Programa jornalístico com formato majoritariamente opinativo, *Em Pauta* foi produzido durante a pandemia com a colaboração à distância de comentaristas nacionais e internacionais. O programa começa a sofrer mudanças no conteúdo na semana de 23 a 27 de março; ou seja, a ênfase nos temas políticos cede espaço para pautas sobre a crise sanitária.

No começo da primeira semana estudada, havia alguns comentaristas no estúdio, mas, aos poucos, os profissionais passam a participar do programa somente de suas casas. As artes, como mapas interativos, tabelas e gráficos, são a principal opção para ilustrar o avanço da pandemia no mundo e no Brasil, e imagens gravadas com narração de repórteres ilustram fatos nacionais e internacionais. O âncora Marcelo Cosme entra ao vivo e participam do *Em Pauta* apresentadores de outros programas da emissora, como Cecilia Flesch e Marcelo Lins, que anunciam as notícias mais recentes sobre a pandemia. Uma estratégia que acrescenta suspense, novidade e atualidade a uma pauta monotemática.

O programa *Em Pauta* é audacioso na mistura de formatos e entrevistados. Um exemplo é a matéria “OAB, ABI, CNBB e outras entidades pedem isolamento social; Brasil tem 92 mortes”, exibida no dia 27 de março, em que o âncora apresenta um mapa sobre os casos de Covid-19; depois entra uma notícia sobre o prefeito de Milão (que negligenciou o isolamento social no início da pandemia); em seguida um vídeo da autoridade italiana; e outro da coletiva do ministro Mandetta (com orientações para evitar aglomerações e atentar à higiene pessoal); por fim, o âncora chama a comentarista Eliane Cantanhede, que fala sobre a flexibilização do isolamento no Brasil. Na edição de 27 de março, a matéria “Esperança em pauta: moradores de comunidades falam sobre dificuldades do isolamento” é marcada pela multiplicidade de conteúdos, que se somam para costurar a reportagem: estão presentes as imagens participativas – aparentemente captadas pelo celular por participantes da ação

solidária, mas com narração em *off* do repórter e comentários dos profissionais da emissora. Em mais um conteúdo colaborativo, “Brasileiros falam de quarentena em Bergamo, cidade com mais casos de coronavírus na Itália”, exibido na edição do *Em Pauta* em 26 de março de 2020, mostra entrevistas feitas pelo âncora do programa, depoimentos de brasileiros no exterior ao vivo e relatos sobre a tragédia na Itália e na Comunidade Europeia.

Outro formato recorrente são as entrevistas mais alongadas feitas com especialistas e com vítimas. Um exemplo é “Epidemiologista reafirma importância do isolamento social”, na edição do *Em Pauta* exibida no dia 27 de março. Além disso, muitos dados são divulgados com chamadas ao vivo de repórteres, como no caso da matéria “Veja como foi a terça-feira (24) com a quarentena valendo pelo Brasil”.

Na segunda semana selecionada para análise, o *Em Pauta* segue repercutindo as principais matérias divulgadas nos telejornais da casa, mas o material é usado predominantemente para aprofundar/justificar as diferenças entre a postura do Governo Federal e a emissora. A emissora abre espaço para ministros e representantes de outros poderes se manifestarem sobre as *fake news* e para divulgação dos dados da pandemia pelo Ministério da Saúde. As narrativas se apoiam em interpretações: “*fala duríssima (do ministro do supremo)*”; e em conclusões enfáticas: “apesar do Presidente do Supremo, Dias Toffoli, pedir trégua entre poderes para combater coronavírus, *a gente sabe que não haverá trégua*”, analisa a comentarista Mônica Waldvogel, na edição do dia 8 de junho.

No conjunto, destaca-se a diluição entre os formatos: entradas ao vivo com vinhetas urgentes são seguidas de ilustrações/infográficos diversos e exibição de materiais de outros telejornais.

5 Análise comparativa dos telejornais

A pandemia trouxe uma clara redução da mobilidade das equipes de reportagens. Mesmo nas reportagens externas, a linguagem do telejornal foi afetada pela falta de mobilidade do repórter e das equipes, muitas vezes confinados em espaços fechados ou apresentando o movimento das ruas dentro dos carros da emissora. Paralelamente, os repórteres que ficaram em casa tiveram que se adaptar para produzir

conteúdos por meio de chamadas em vídeo e/ou plataformas virtuais, o que trouxe um aumento de ruídos e distorções técnicas, além do menor controle na qualidade das imagens e na condução das entrevistas, maior dependência da colaboração das fontes e a repetição da estética da webconferência.

No novo padrão das *entrevistas em espaço doméstico*, comentaristas e convidados se colocam à frente de espaços neutros ou mostram estantes repletas de livros e objetos decorativos. Há uma clara tentativa dos profissionais envolvidos em mostrar erudição e comprometimento científico, em reforço do *status* do participante. Convidados e mesmo alguns comentaristas, eventualmente, optam por ambientes neutros, mas não informais, uma vez que são produzidos com cuidado (flores, iluminação). A informalidade está presente, no entanto, em chistes e brincadeiras de jornalistas e convidados, que expõem inclusive seus animais domésticos. Este é o caso do escritório do comentarista Valdo Cruz, cujo cão invade o escritório, e da sala de Fernando Gabeira, na qual gatos dormitam nas poltronas do fundo da sala.

Os detalhes do espaço doméstico são percebidos pelos telespectadores e citados nas redes sociais³. Exposta nas telas, a casa do jornalista humaniza o profissional e, por extensão, a atividade jornalística. Perde-se, no entanto, a sensação de urgência da cobertura noticiosa, mais perceptível nos ambientes externos.

No escritório ou na sala, a entrevista representa um desafio para os noticiaristas. Telas divididas, eventualmente com entrevistados simultâneos, exigem um esforço maior, e transformam o noticiarista/entrevistador em mediador que cobre os *delays* nos áudios, introduz pausas (intervalos comerciais), pede desculpas e justifica falhas, deles e dos convidados.

Nas matérias externas, o material editado/veiculado traz repórteres afastados dos entrevistados que, sempre de máscaras, usam microfones próprios. Tradicionalmente, a presença do jornalista no local é uma comprovação do fato e uma representação/extensão do telespectador no local. Isso não mudou, mas a máscara dificulta a leitura facial do repórter, e o uso de um segundo microfone mostra um

³ Uma foto da planta localizada na estante ao fundo correspondente da GloboNews em Nova York, Candice Carvalho, viralizou nas redes sociais e foi motivo de debate. Disponível em <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/04/29/e-fake-que-planta-ao-fundo-de-reporter-seja-pe-de-maconha.ghtml>>.

jornalista que tem dificuldades em interromper a fala do entrevistado e fazer questionamentos espontâneos.

O uso da máscara também afeta a imagem do telejornalista, que em princípio não deveria tirar a atenção do telespectador para o conteúdo da notícia. Com a máscara, a imagem do profissional perde também efetividade e empatia, prejudicando a qualidade da fala, mas reafirma a posição da emissora em prol da ciência.

6 Considerações Finais

O telejornalismo rapidamente adaptou-se aos desafios trazidos pela pandemia. As mudanças revelam novas formas de trabalho e, conseqüentemente, nova rotina de produção. Ao mesmo tempo, essa rápida adaptação pode indicar que o telejornalismo não voltará na totalidade ao seu modelo anterior.

A análise destaca os desdobramentos de formatos e temas que diluem as fronteiras entre os conteúdos informativo e opinativo (MARQUES DE MELO, 2009), com a ampliação do espaço dedicado ao comentário e à entrevista. Jornalistas com mais visibilidade e/ou empatia com o público foram alçados à condição de comentaristas ou especialistas. A participação desses profissionais entranha-se na exposição dos dados, mas igualmente se imiscui em comentários e previsões sobre o futuro.

No caso do jornalístico *Em Pauta*, destaca-se o aproveitamento de conteúdos de outros telejornais e do esforço para comparar situações no Brasil com outros países. Soma-se a isso as críticas à postura do governo, particularmente as direcionadas ao presidente Bolsonaro, por vezes poupando membros da equipe do executivo, notadamente o ministro da economia.

Algumas questões técnicas são perceptíveis: o isolamento social limitou a captação de imagens, tornando a emissora mais dependente de conteúdos colaborativos. Nas matérias externas, a exigência dos repórteres com máscara e distantes dos entrevistados atua como reforço visual sobre os perigos do contágio, mas destaca a importância dos jornalistas como serviço público essencial, profissional que se arrisca para cumprir com seus deveres.

As telas divididas simulam conversas e intimidades, amizades construídas no meio digital, mas torna a narrativa telejornalística mais monótona. Seu contraponto é o reforço da computação gráfica na inserção de dados sobre a doença e a participação de correspondentes internacionais, presenças que reiteram o aspecto mundial da crise. Embora o conteúdo colaborativo coloque em segundo plano os filtros de qualidade imagética, esse aspecto é secundarizado pela importância da pauta da pandemia e obliterado pela ampliação da presença de entrevistados, criando uma ilusão de diversidade. No entanto, o acesso remoto das fontes esconde a maior possibilidade do controle das pautas.

A pauta da pandemia representa um desafio para a utilização do componente imagético forte, um aspecto importante no telejornalismo. Os acidentes e as tragédias tendem a permitir imagens impactantes: um acidente de ônibus ganha impacto com imagens da carroceria amassada e cercado pelos pertences e corpos de seus ocupantes. Na pandemia, o risco de contaminação e a orientação ética (jornalística e médica) impedem a apresentação e/ou identificação dos doentes *em sofrimento*. As imagens, quando existem, estão borradas ou centradas nas ações da equipe médica. A pandemia é representada pela ausência do movimento nas ruas, do atendimento médico, de ações do governo para o seu combate. O paciente é representado na frieza dos números e os mortos lembrados na fala dos parentes.

Consequentemente, nos primeiros meses da pandemia houve estreitamento da relação entre telejornalismo e oralidade. A espontaneidade planejada dos repórteres e noticiaristas cedeu espaço para o imprevisto, repetições, hesitações e até reformulações na ancoragem de programas (BIANCO; TEMER, 2020). A coloquialidade torna-se necessária para superar as questões técnicas, deixando claro que a proposta de 24 horas de jornalismo da Globonews envolve o uso continuado da redundância. O drama se desloca para outros espaços, especificamente para o embate político.

A constante repetição das informações é estratégica, pois possibilita que o telespectador tenha rápido acesso a um panorama geral em qualquer horário, repetindo a estratégia (já vista na Rede Globo de Televisão na década de 1970) de ser um canal de referência, no qual o telespectador deixa o aparelho estacionado ao ligar/desligar a televisão. Destaca-se que no período da pandemia a emissora assumiu um posicionamento político-ideológico, subjetivamente justificado como resposta ao

evidente menosprezo do presidente Bolsonaro pela seriedade da crise sanitária, obliterando que a Globonews nunca abdicou de um posicionamento político.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. Televisão, narrativa e restos do passado. **Revista E-compós**, Brasília, v. 8, p. 2-21, abr. 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BELÉM, V. *et. al.* Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste? In: 18º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020, evento virtual. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPIOR. p. 1-20.

BIANCO, N.; TEMER, A. C. R. P. Oralidade e domesticidade: o discurso do telejornalismo em tempos de quarentena. In **Emerim**, C.; Pereira, A., Coutinho, I. **Telejornalismo Contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**. Florianópolis, Insular, 2020. p. 132-146.

CAMBRICOLI, F. O que aprendi com a cobertura diária da pandemia de Covid-19. **Observatório da imprensa. RedeComCiência**. Edição 1099. 4 ago. 2020. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/tag/jornalismo-colaborativo/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

COSTA, A. M. A; TEMER, A.C.R.P. Estratégias de Colaboração para o Telejornal e a Manutenção da Hegemonia. **Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste** Intercom. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2014/resumos/R41-0304-1.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

FINGER, C. **Telejornalismo: câmera oculta e outros dilemas éticos**. Revista Famecos; v. 14, nº 34, 2007. p, 74-77.

FRAZÃO, S.M. Jornalismo participativo no telejornal: o telespectador como produtor de conteúdo **Vozes e Diálogo**. v. 11, nº 2, jul./dez. Itajaí, 2012. p. 44-57. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/4311/2519>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

G1. **É #FAKE que planta ao fundo de repórter seja pé de maconha**: fato ou fake. Net, 29 abr. 2020 19h40. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/04/29/e-fake-que-planta-ao-fundo-de-reporter-seja-pe-de-maconha.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

GLOBONEWS. **Grade de programação.** Disponível em: <<http://portalmakingof.com.br/globonews-lanca-nova-grade-de-programacao-de-olho-na-estreia-da-cnn>>. Acesso em: 1 mar. 2019.

_____. **Programação de março.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/noticia/2019/03/01/veja-a-programacao-de-marco-da-globonews.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GLOBONEWS EM PAUTA. **Atraso no horário de divulgação do número do coronavírus no país provoca críticas.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/atraso-no-horario-de-divulgacao-do-numero-do-coronavirus-no-pais-provoca-criticas-8608628.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Camarotti: ‘foi uma fala duríssima e um recado claro ao presidente Bolsonaro’.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/camarotti-foi-uma-fala-durissima-e-um-recado-claro-ao-presidente-bolsonaro-8612085.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Demétrio: ‘gerais estão brincando com fogo quando fazem declarações dúbias.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/demetrio-gerais-estao-brincando-com-fogo-quando-fazem-declaracoes-dubias-8623517.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Mônica Waldvogel: ‘a gente sabe que não haverá tregua’.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/monica-waldvogel-a-gente-sabe-que-nao-havera-tregua-8612088.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Portal do governo com dados do coronavírus só tem dados das últimas 24 horas.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globonews/videos/t/videos/v/portal-do-governo-com-dados-do-coronavirus-so-tem-dados-das-ultimas-24-horas/8608646/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Presidente do Supremo, Dias Toffoli, pede tregua entre poderes para combater coronavírus.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/presidente-do-supremo-dias-toffoli-pede-tregua-entre-poderes-para-combater-coronavirus-8612072.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **TCU vai investigar uso de cartão corporativo pela Presidência da República.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/tcu-vai-investigar-uso-de-cartao-corporativo-pela-presidencia-da-republica-8617912.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Zileide: ‘não parece uma declaração de um general da ativa, mas de um político’.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/zileide-nao-parece-uma-declaracao-de-um-general-da-ativa-mas-de-um-politico-8623448.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Zileide: ‘quando se fala em falta de transparência, ficamos ao lado da Coreia do Norte’.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/zileide-quando-se-fala-em-falta-de-transparencia-ficamos-ao-lado-da-coreia-do-norte-8611982.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais.** Petrópolis: Vozes, 2011.

ISTO É dinheiro. **Brasil é o país com maior número de jornalistas mortos por covid.** 6 abr. 21. Disponível em <<https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-e-o-pais-com-maior-numero-de-jornalistas-mortos-por-covid/>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

JORNAL GLOBONEWS. **Atraso no horário de divulgação do número do coronavírus no país provoca críticas.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/atraso-no-horario-de-divulgacao-do-numero-do-coronavirus-no-pais-provoca-criticas-8608628.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

JORNAL GLOBO NEWS EDIÇÃO DAS 18. **Brasil tem 679 mortes por coronavírus e 15.654 casos novos em 24 horas, segundo ministério.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/brasil-tem-679-mortes-por-coronavirus-e-15654-casos-novos-em-24-horas-segundo-ministerio-8611616.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Camarotti: ‘veja unidade do Supremo em torno da continuidade do inquérito’.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/camarotti-veja-unidade-do-supremo-em-torno-da-continuidade-do-inquerito-8617472.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Lojistas de shoppings de SP vão pedir ao prefeito Bruno Covas funcionamento de oito horas.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/lojistas-de-shoppings-de-sp-vaio-pedir-ao-prefeito-bruno-covas-funcionamento-de-oito-horas-8623114.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **‘O negro é relegado à marginalidade, à invisibilidade, diz poeta Carlos de Assumpção.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/o-negro-e-relegado-a-marginalidade-a-invisibilidade-diz-poeta-carlos-de-assumpcao-8608454.ghtml>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo: compreensão e reinvenção.** São Paulo: Saraiva, 2009.

MEIO&MENSAGEM. **A TV em tempos da Covid-19: impactos e mudanças no comportamento da sociedade.** Revista Meio&Mensagem. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2020/04/02/a-tv-em-tempos-da-covid-19.html>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Veículos Mais Admirados mostra força da mídia social.** Revista Meio&Mensagem. Disponível em:

<<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2014/12/01/veiculos-mais-admirados-mostra-for-a-da-midia-social.html>>. Acesso 12 jan. 2021.

MESQUITA, G.; VIZEU, A. Em tempo de coronavírus nos telejornais; o “lugar de referência” e a “audiência potente” na produção da notícia. In: CÁRLIDA, E; PERREIRA, A; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. 1ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2020

PRIMO, A.; TRÄSEL, M. R. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

SODRÉ, M. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2001.

STAM, R. **O telejornal e seu espectador**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo. Nº 13, p. 74-87, out. 1985.

STYCER, M. **Globonews tem o melhor mês de junho da história e é líder em SP desde março**. Net, TV e Famosos, Coluna Maurício Stycer, UOL. 2 jul. 2020. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/splash/colunas/mauricio-stycer/2020/07/02/globonews-tem-o-melhor-mes-de-junho-da-historia-e-e-lider-em-sp-desde-marco.htm>>. Acesso 12 jan. 2021.

Recebido em: 14.04.2021

Aceito em: 12.06.2021